

Gênero e Controle Social em *A Bruxa* (2015): Uma Leitura Histórica

Denise C. FERREIRA ¹; Joyce Gotlib ²

RESUMO

Este relato de pesquisa em andamento analisa o filme *A Bruxa* (2015), de Robert Eggers, como ferramenta para refletir historicamente sobre os processos de disciplinamento do corpo feminino em contextos religiosos e familiares. Ambientado na Nova Inglaterra do século XVII, o longa permite observar como o imaginário da bruxaria se constituiu como resposta simbólica à autonomia e à transgressão feminina. A partir das contribuições de Silvia Federici, Judith Butler e Mary Del Priore, a pesquisa investiga como a figura da bruxa representa, historicamente, tanto o medo da desordem quanto a recusa ao modelo patriarcal e à lógica de obediência que define a mulher como sujeita à vigilância, à culpa e ao silêncio.

Palavras-chave:

Bruxaria; História das Mulheres; Controle social; Corpo feminino; Patriarcado.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga, sob uma perspectiva historiográfica, de que maneira o filme *A Bruxa* (2015), dirigido por Robert Eggers, pode ser utilizado como um instrumento de análise crítica dos processos históricos de controle sobre o corpo e o comportamento das mulheres. Ambientado na Nova Inglaterra do século XVII, período marcado por intensa moral religiosa, puritanismo rígido e forte repressão às manifestações de subjetividade feminina, o filme retrata a trajetória de Thomasin, uma jovem acusada de bruxaria, que se vê vítima de um sistema social e religioso profundamente opressivo.

Este estudo propõe refletir sobre como os elementos narrativos, simbólicos e visuais da obra reatualizam e dialogam com debates históricos relacionados a gênero, fé, medo social, autoridade patriarcal e mecanismos de exclusão. A figura da bruxa, aqui, é analisada não como um simples arquétipo mitológico ou fantasmagórico isolado, mas como uma construção histórica e cultural que

¹ Estudante de Licenciatura em História, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: denise1.ferreira@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Orientadora Professora Efetiva, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: joyce.gotlib@ifsuldeminas.edu.br.

expressa a punição e marginalização de mulheres que desafiaram ou não se enquadraram nos papéis rígidos impostos pela estrutura patriarcal moderna.

Além disso, o filme serve como uma lente para compreender as estratégias de controle sociais baseadas no medo e na vigilância comunitária, que marcaram a experiência das mulheres durante a transição do feudalismo para o capitalismo. A representação da família puritana e sua rigidez moral ilustram como o corpo feminino e a sexualidade foram alvo de uma disciplina severa, sustentada por um sistema religioso que justificava a opressão e a exclusão. Ao revisitar essa temática, esta análise contribui para ampliar a compreensão das conexões entre passado e presente nas construções de gênero e no exercício do poder, destacando a persistência de discursos que ainda hoje regulam e controlam as identidades femininas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo com base em análise de conteúdo da obra cinematográfica *A Bruxa* e em revisão bibliográfica de caráter historiográfico. Foram selecionadas obras de referência nos campos da história das mulheres, da teoria feminista e da crítica ao discurso religioso como mecanismo de poder. Entre as autoras utilizadas, destacam-se Silvia Federici, com enfoque na repressão feminina no contexto da transição para o capitalismo; Judith Butler, para refletir sobre a performatividade e normatividade de gênero; e Mary Del Priore, com contribuições sobre o imaginário histórico da bruxaria. A metodologia inclui observação fílmica detalhada, com foco nas interações familiares, nos elementos simbólicos (religião, sexualidade, trabalho), e nos momentos-chave de ruptura que levam à transformação da personagem principal.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar revela que a narrativa construída em *A Bruxa* reflete dinâmicas históricas presentes tanto nos processos inquisitoriais quanto nas políticas sociais e religiosas destinadas ao controle das mulheres. A personagem Thomasin é representada como alvo de desconfiança, isolamento e hostilidade não em função de práticas concretas de feitiçaria, mas em razão de seu posicionamento ambíguo diante da autoridade paterna, da sexualidade e dos papéis domésticos impostos. Sua trajetória exemplifica o processo histórico de culpabilização das mulheres como portadoras do pecado e do desvio moral. Conforme destaca Federici (2017), essa associação entre feminilidade e heresia foi crucial para a consolidação de uma moral disciplinadora que emergiu paralelamente ao desenvolvimento do capitalismo.

A família puritana retratada no filme opera como um núcleo de repressão simbólica, onde o fracasso da colheita, a perda dos filhos e o fanatismo religioso convergem para a construção de uma “ameaça interna” personificada em Thomasin.

Dessa forma, a figura da bruxa não se apresenta como um elemento externo, mas como uma projeção social do que precisa ser excluído para preservar a ordem estabelecida. Essa leitura reforça a importância de interpretar essas narrativas não como meras fantasias isoladas, mas como sínteses de discursos históricos profundamente enraizados na cultura ocidental.

5. CONCLUSÃO

Este estudo aponta que o filme *A Bruxa* oferece relevantes subsídios para uma reflexão histórica crítica acerca dos dispositivos de gênero, moralidade e poder que contribuíram para a construção da figura da bruxa como inimiga simbólica e interna das estruturas sociais ocidentais. Ao evidenciar como expressões de autonomia e subjetividade feminina foram historicamente associadas ao desvio, à heresia e à ameaça à ordem, a obra cinematográfica se apresenta como um campo fértil para compreender os mecanismos de punição, exclusão e silenciamento direcionados às mulheres.

Através de sua narrativa e imagética profundamente simbólicas, o filme revela como o medo social, aliado à religiosidade disciplinadora, operou como instrumento de controle dos corpos femininos, transformando a diferença e a insubmissão em sinais de perigo moral. Nesse sentido, *A Bruxa* não apenas dramatiza um contexto histórico específico, mas também contribui para repensar, sob uma perspectiva historiográfica e de gênero, as permanências e atualizações desses dispositivos nas sociedades contemporâneas.

Ao permitir revisitar criticamente o papel das mulheres nos processos de repressão e resistência, a obra reforça a importância de compreender a figura da bruxa não como um resquício do passado, mas como símbolo persistente de um conflito entre autoridade normativa e experiências femininas que escapam à lógica da obediência. Assim, o estudo reconhece no cinema uma ferramenta potente para a análise histórica, capaz de mobilizar sensibilidades e ampliar a compreensão sobre as múltiplas formas de violência simbólica e material que marcaram — e ainda marcam — os percursos das mulheres ao longo da história.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2001.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.